

REFLEXÕES SOBRE O ATUAL PAPEL MEDIADOR DO PROFESSOR – TUTOR EM EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NA APRENDIZAGEM COOPERATIVA

Wesley da Silva Nunes¹

Resumo

A construção qualitativa do conhecimento no século XXI se apresenta como um grande paradigma para as Instituições de Ensino Superior Brasileiras, principalmente no que se refere a Educação a Distância (EAD), enquanto meio formador das classes de menor poder aquisitivo de nosso país. Tal condição somada ao impacto sociocultural gerado pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) que fomentaram uma grande ruptura no tradicional papel desempenhado pelo professor, antes detentor absoluto do saber e hoje, um mediador entre o sujeito e a sua construção autônoma do conhecimento, eleva a importância dos estudos ligados a esta temática. Neste contexto econômico e histórico-cultural vigente surge a proposta pedagógica de Aprendizagem Cooperativa, a qual se constitui pela construção do conhecimento de modo mútuo e ativo pelos indivíduos integrantes de um grupo. Sendo na modalidade de Ensino a Distância esta prática mediada por duas vias de atuação: a primeira o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) que deve trazer ferramentas que possibilitem esta interação entre seus usuários e a segunda por meio do educador que deve ser o mediador deste processo de construção ativa e social do conhecimento. A partir dessa proposta o presente estudo tem por objetivo a reflexão da temática do processo de aprendizagem on-line na modalidade de Ensino a Distância, mediada por um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), e o papel a ser desempenhado pelo professor – tutor para construção do saber. Essa reflexão se fundamentará na revisão bibliográfica e posterior análise de autores que discutem a temática escolhida visando a exposição de suas concepções pedagógicas, enquanto contribuições reflexivas qualitativas para evolução dessa aprendizagem. Abordando assim as inovações inerentes a este processo de aprendizagem e a sua mediação durante o processo educacional, discutindo-se as bases teóricas e as competências envolvidas pelos alunos virtuais e professores – tutores, na construção dos processos de aprendizagem cooperativa.

Palavras – Chave:

Aprendizagem – Cooperação – Colaboração – Aluno – Professor – Tutor – Internet

¹Especialista em Ciência e Tecnologia pela Universidade Federal do ABC - UFABC (2012); Programa de Especialização Docente em Educação Ambiental (2012) e Programa de Especialização Docente em Tecnologias em Ensino a Distância (2012), ambas pela Universidade Cidade de São Paulo UNICID; graduado em História, pela Universidade Metropolitana de Santos - UNIMES (2009). Aluno do Programa de Especialização Docente em Educação e Sociedade, Interdisciplinaridade, Ensino de História e Geografia pela Universidade Cidade de São Paulo UNICID; do curso de Licenciatura em Geografia pela Universidade de Franca - UNIFRAN (2012). Foi Professor - Tutor de História no Ensino a Distância, pela Universidade Metropolitana de Santos UNIMES (2010 - 2014); Estagiário de História na Equipe Interdisciplinar Secretaria de Educação de Santos (2008 2009) e do Centro de Documentação e Memória de São Vicente - CEDOM-SV (2007 2009). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em história cultural, atuando principalmente nos seguintes temas culturalismo e a construção do espaço.



Abstract

Qualitative knowledge construction in the XXI century, presents itself as a major paradigm for Higher Education Institutions Brasilia's , especially with regard to Distance Education (EAD) as a means of forming classes with lower purchasing power of our country . This condition coupled with the socio-cultural impact generated by the Information and Communication Technologies (ICT) that fostered a major disruption in the traditional role of the teacher, before absolute keeper of knowledge and today , a mediator between the subject and its autonomous construction of knowledge , raises importance of studies related to this subject. In this current economic , historical and cultural context and the pedagogical proposal Cooperative Learning , which is constituted by the mutual construction of knowledge and individuals actively by members of a group arises . Being in the form of the Distance Learning this practice mediated by two routes of action : the first Virtual Learning Environment (VLE) which should bring tools that allow this interaction between its users and the second by the educator who should be the mediator of this process active and social construction of knowledge . On this basis the present study aims to reflect the theme of online learning in Distance Learning mode , mediated by a Virtual Learning Environment (VLE) process , and the role to be played by the teacher - tutor for construction knowledge . This reflection will build on the literature review and subsequent analysis of authors who discuss the topic chosen with a view to exposing their pedagogical conceptions , while qualitative reflective contributions to the evolution of such learning . Thus addressing the innovations inherent in this process of learning and its mediation during the educational process , discussing the theoretical foundations and skills involved by the virtual students and teachers - tutors , construction processes of cooperative learning .

Key Words

Learning - Cooperation - Collaboration - Student - Teacher - Tutor - Internet.

Considerações Iniciais

Ao longo do século XX, a humanidade aprendeu duras lições, principalmente com as duas Grandes Guerras (1914 – 1918 e 1939 – 1945), as quais alinharam de um lado, a busca sem limites para a vitória no campo de batalha, por meio da superioridade bélica e de outro o impulso



resultante dado ao desenvolvimento tecnológico dos meios de comunicação. Esse desenvolvimento propiciou mais agilidade e facilidade para as relações pessoais, o melhor exemplo, é a Internet que nasceu em meio ao conflito político-ideológico travado entre as potências militares da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e os Estados Unidos da América (EUA), isto é a Guerra Fria (1946 – 1991), com o objetivo de interligar pontos estratégicos dos EUA. Entretanto com o fim da Guerra Fria a internet deixou ter prioritariamente uso militar para adentrar as organizações empresariais, indústrias e por fim a residência de milhares de pessoas ao redor do mundo, trazendo com ela, inúmeras transformações econômicas e socioculturais.

O século XXI nasceu em meio à grande revolução das redes de computadores e multimídia. Essa revolução está intimamente ligada ao processo de criação, desenvolvimento e difusão da internet, a qual veio a transformar as relações humanas em todos os seus aspectos: econômicos, culturais e sociais (CAMPOS,2003, p. 09).

Corroborando a essa afirmação o sociólogo espanhol Manuel Castells (2010), expõe que *as tecnologias de informação aliadas às ferramentas de comunicação permitiram a integração do mundo em redes globais, através da aplicação e utilização de recursos tecnológicos e conhecimento para transformação social e constituição da Sociedade da informação*. Assim, a internet com seu tido poder de “sedução e apelo” se faz um instrumento transformador da realidade humana, transpondo as distancias anteriormente existentes de acesso ao conhecimento, tais como as culturais, transacionais ou geográficas, espaço – temporais. Como resultado do alcance desempenhado pela internet, no contexto histórico atual temos o seu amplo uso na educação em diversos países do mundo, inclusive recentemente no Brasil.

Para compreensão do atual estágio de desenvolvimento na modalidade de Ensino a Distância, em nosso país com o vasto uso da internet e dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA). É necessário lembrarmos brevemente alguns pontos vitais, sendo o primeiro, o início da Internet. A qual se desenvolveu num longo caminho que se iniciou pelo uso dos computadores movidos a



válvulas, após a Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945), passando pelas tecnologias dos circuitos integrados, e o desenvolvimento de programas para plataformas específicas, ou seja, os monousuários, usuários que tinham acesso a informações limitadas. Porém em meados da década de 1990, tivemos o advento do sistema WWW (World Wide Web), ou simplesmente *web*, o qual propiciou o acesso e compartilhamento de várias informações contidas em programas gerados em diversas plataformas (CAMPOS, 2003, p. 14). No Brasil, este processo veio a desenvolver-se de maneira efetiva a partir da década de 1990, com a difusão dos computadores e da internet.

Na década de 2000, tivemos uma ruptura de longos processos de exclusão cultural, com a inclusão social das classes de menor poder aquisitivo, a graduação de nível superior, por meio do acesso à internet, a qual efetivou a integração entre a tecnologia digital com os recursos da telecomunicação, construindo novas possibilidades de ampliar o acesso à educação. Como resultado da difusão do acesso à internet, esta passou a ser vista como principal meio “democratizador” de acesso ao conhecimento às camadas populares, historicamente excluídas propiciando assim, por conseguinte a ascensão intelectual e até socioeconômica (LITTO & FORMIGA, 2009, p. 13).

Neste contexto histórico - cultural tão abrangente e inovador pelo qual passa nosso país selecionamos para problematização a questão do aprendizado cooperativo, por meio da utilização de técnicas de inteligência artificial mediado pelo professor - tutor. Isto é, o uso de instrumentos que propiciem a aprendizagem on-line através de ambientes informatizados para a proposta de construção do conhecimento pela metodologia cooperativa, conjuntamente a articulação do uso dessas ferramentas colaborativas com o atual papel mediador do professor – tutor, na Educação a Distância.

A fim de compreendermos a metodologia de Aprendizagem Cooperativa inserida em um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), mediada por um professor - tutor, o texto foi organizado em quatro seções, além das notas introdutórias. Assim iremos conceituar alguns pontos que compõem esse processo de aprendizagem. Começaremos a primeira seção por

contextualizar a sociedade atual e as relações econômicas e culturais construídas pelas “Redes”. A segunda apresenta um breve histórico da Educação a Distância (EAD) no Brasil. Já a terceira irá evidenciar os aspectos inerentes à um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) e o aprendizado. Por fim, a última seção discute as competências e habilidades do professor tutor, enquanto mediador para construção da aprendizagem cooperativa.

I. A Sociedade, a Rede, a Liquidez e a Cibercultura

A humanidade, ao longo de sua história, passou por diferentes etapas evolutivas, e cada uma contribuiu de algum modo para o desenvolvimento humano. Como exemplo, podemos nos remeter aos antigos tipos de sociedade, tais como a sociedade pré-civilizada, ou, seja, tipicamente nômade que adquiriu características de civilização ao urbanizar-se, agrupando-se em núcleos urbanos, formando-se governos estatais e construindo suas cidades; a fabril ou industrial fomentada pelas transformações socioeconômicas originadas pela Revolução Industrial nos grupos sociais, e a pós-civilizada, constituindo a atual, que passa por uma grande evolução na ciência, na tecnologia, e nas instituições sociais.

Sobre as transformações ocorridas na sociedade, no início do século XXI, comenta SABBAG (2007, p. 19):

A humanidade passa por transformações tão vastas e tão abruptas que, perplexos, perdemos a capacidade de compreender o motor das mudanças geopolíticas, sociais, culturais e tecnológicas. Esse conjunto de mudanças afeta os indivíduos, o trabalho, o funcionamento das organizações e os costumes na sociedade e apresenta tanta coerência interna que forma um padrão bastante distinto do que fora observado em períodos anteriores da história. Como consequência, uma nova sociedade emerge dessa ruptura.

Assim, fica evidente que a sociedade atual se diferenciou historicamente de suas antecessoras, pois rompeu as fronteiras espaço – temporais, nas construções de suas relações sociais, como nunca antes na história humana.

Para o sociólogo espanhol Manuel Castells (2010) a reestruturação, impulsionada pelas crises econômicas da década de 1970, coincidiram com o desenvolvimento de *“um modo informacional de desenvolvimento” – essencialmente o crescimento de uma tecnologia de informação e comunicação, que fomentou o capitalismo informacional e o surgimento de uma sociedade nova.* Como resultado a sociedade moderna se originou da mudança pela qual passamos a alguns anos de uma Sociedade: Industrial para a Informação e do Conhecimento, ou seja, a *“Sociedade em Rede”*². Tal processo foi condicionado pelas *“Redes”* que são Castells Apud. Bassetto, (2013, p. 32), *um conjunto de nós interconectados, que possuem grande flexibilidade e maleabilidade, transformando-se em um excelente mecanismo para atuar na complexidade da configuração da sociedade contemporânea organizada em torno de redes globais de capital, gerenciamento e informação.* Dessa maneira *as tecnologias de informação aliadas às ferramentas de comunicação permitiram a integração do mundo em redes globais, através da aplicação e utilização de recursos tecnológicos e conhecimento para transformação social e constituição da Sociedade da informação.* Entretanto não foi somente o acesso a informação que criou as condições necessárias para constituição da sociedade atual, mas sim a capacidade das redes de permear todas as atividades humanas.

Sobre o processo de desenvolvimento das redes e seu caráter agregador, comenta SCOTT (2009, p. 65 - 66):

As redes se desenvolveram paralelamente ao processo tendente de globalização, de maneira tal que hoje permitem ação planetária em tempo real (por exemplo, na tomada de decisões corporativas, na cobertura jornalística de eventos esportivos, nas campanhas políticas, nas conversas por e-mail). Isso acelera o ritmo e a velocidade da mudança, a agudeza da competitividade e a flexibilidade de organização. Estimula o *“empreendimento de rede”* que transfere o poder aos inovadores e especialistas que trabalham em projetos, impelidos menos por pressões burocráticas e mais pela estima dos seus pares atuando em relações horizontalizadas. As redes também fazem com que Estados – nações

² Um novo modelo de sociedade se estrutura a partir da internet, a Sociedade em rede, a qual por meio da internet alterou a maneira pela qual as comunidades se organizavam dentro dos limites de tempo e espaço.

fiquem menos aptos a controlar os negócios, ainda que, simultaneamente, compelidos a agir de maneira oportuna e apropriada (por exemplo, Estados fora-da-lei sofrem quando as redes de capital os ignoram). [...] Os fluxos de informação são, cada vez mais, globais, o que não significa que não tenham lugar fixo. O certo é que eles se movem e são criados em locais particulares, que são os nódulos da sociedade em rede. Tais cidades informacionais possuem características distintivas – de cultura, imagem, estratificação, educação e tecnologia – todas brilhantemente examinadas por Castells, em especial em seus conceitos de “ambientes de inovação” e “bipolarização”. Ele sugere que políticas públicas e a ação política serão cruciais para a qualidade da vida urbana, instando as pessoas a “agir globalmente e pensar localmente”.

A partir dessa exposição, podemos afirmar que o acesso à rede é pré-requisito para participação no mundo atual, ficar fora dela é exclusão, pois a sociedade atual se caracteriza pela grande quantidade de informação existente e o fácil acesso a ela por parte dos sujeitos que possuem e dominam os recursos tecnológicos e telemáticos, conjuntamente a volatilidade da informação.

A Sociedade em Rede, ou do conhecimento transformou seu tempo, e seu espaço geográfico por meio do acesso à informação, alterando a própria construção do conhecimento, construindo uma grande “sociedade, globalizada e globalizante”. Sua economia globalizada exige uma quantidade vasta de mão-de-obra qualificada, diferenciando-se das sociedades anteriores pela extremidade de sua necessidade de produzir, sempre mais e assim gerar mais lucro aos setores produtivos (CASTELLS, 2010). Condição essa que propiciou em função da necessidade de inserção no mercado de trabalho dos trabalhadores, a familiarização “forçada” com as novas tecnologias da informação e conhecimento, conjuntamente a constante e continua atualização profissional. Transformações, e mudanças essas que se refletem nas diversas áreas da vida humana, tais como o uso dessas tecnologias, a elaboração de novas mídias, e a formação de novos clientes e consumidores.

O resultado desse processo de desenvolvimento humano, fomentou a condição pós-moderna, rompendo com a outrora “*Modernidade Sólida*” “*que estava sempre a desmontar a realidade herdada, com uma perspectiva de longa duração, com a intenção de torná-la melhor e novamente sólida*” (SANTAELLA, 2007, p. 14). Já na pós-modernidade ou na “*Modernidade Líquida*”, a sociedade, singulariza-se por uma incapacidade de manter as formas, pois passa por

um processo de liquidez da própria condição humana e de suas relações com a realidade. Como conceituou o sociólogo polonês radicado inglês Zygmunt Bauman (2003):

Tudo é temporário. É por isso que sugeri a metáfora da "liquidez" para caracterizar o estado da sociedade moderna, que, como os líquidos, se caracteriza por uma incapacidade de manter a forma. Nossas instituições, quadros de referência, estilos de vida, crenças e convicções mudam antes que tenham tempo de se solidificar em costumes, hábitos e verdades "auto-evidentes". É verdade que a vida moderna foi desde o início "desenraizadora" e "derretia os sólidos e profanava os sagrados", como os jovens Marx e Engels notaram. Mas, enquanto no passado isso se fazia para ser novamente "reenraizado", agora as coisas todas -empregos, relacionamentos, know-hows etc.- tendem a permanecer em fluxo, voláteis, desreguladas, flexíveis. Como um exemplo dessa perspectiva, li, num dia desses, que um famoso arquiteto de Los Angeles estava se propondo a construir casas que permanecessem lindas "para sempre". Ao ser questionado sobre o que queria dizer com isso, ele teria respondido: até daqui a 20 anos! Isso é hoje "para sempre", grande duração. O que me interessa é, portanto, tentar compreender quais as consequências dessa situação para a lógica do indivíduo, para seu cotidiano. Virtualmente todos os aspectos da vida humana são afetados quando se vive a cada momento sem que a perspectiva de longo prazo tenha mais sentido.

A partir dessa exposição, podemos afirmar que a *Modernidade Líquida*, pode ser descrita como um período caracterizado pela condição sociocultural capitalista remanescente das crises ideológicas que permearam todo o século XX, e com o advento das tecnologias de comunicação e informação (TIC) a sociedade tem sofrido várias transformações (BAUMAN, 2001), inclusive no que se refere a produção de conhecimento.

A “*Sociedade em Rede*” permeada pela “*Modernidade Líquida*”, fez com que vivêssemos no início do século XXI, um importante momento histórico, revolucionado pelos inúmeros e grandes avanços dos meios de comunicação e tecnologia. Ambos, unidos, potencializam seus impactos sobre diversos aspectos da atividade humana, dentre os quais, e principalmente à educação, gerando inúmeros impactos de caráter positivo ou negativo.

Entre os principais impactos na educação, destacam-se: a atual forma de comunicação entre as pessoas; o surgimento do pensar inferencial indo além do indutivo e dedutivo; a diversificação na representação do pensamento através dos meios multimídiaicos aliados à telemática; fomentando assim, uma nova concepção de tempo e espaço, no sentido de derrubar as fronteiras do processo comunicacional. Essas condições expostas denotam que a atual sociedade possui algumas particularidades que a difere de suas antecessoras, sendo a principal a interdependência entre as áreas do conhecimento humano (MORIN, 2003).

Segundo o filósofo francês Pierre Lévy (1996) a interdependência entre as áreas do saber somente se fez possível por meio de um processo que alterou as características do conhecimento, da informação - comunicação e das instituições socioculturais este processo foi o de virtualização da sociedade atual. Esse processo se caracteriza pela mudança do antigo paradigma do real, com suas características físicas e concretas para o virtual que é simulado e abstrato. Ainda, acrescenta (LÉVY, 1996, p. 16) *“o virtual não se opõe ao real, mas sim ao atual”*. *Contrariamente ao possível, estático e já constituído, o virtual é como um complexo problemático, ou seja, uma espécie de nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e o que chama um processo de resolução: a atualização”*.

Assim temos posto que vivemos em uma nova realidade, fruto do processo de virtualização ou digitalização de nossa sociedade, sobre a virtualização citamos a reflexão de Lévy (1996.p. 17.) que diz: *“A virtualização pode ser definida como o movimento inverso da atualização”*. *Consiste em uma passagem do atual ao virtual, em uma 'elevação à potência' da entidade considerada.*

Ainda sobre a virtualização ele complementa:

A virtualização não é uma desrealização (a transformação de uma realidade num conjunto de possíveis), mas uma mutação de identidade, um deslocamento do centro de gravidade ontológico do objeto considerado: em vez de se definir principalmente por sua atualidade (uma solução'), a entidade passa a encontrar sua consistência essencial num corpo problemático (ibidem, p. 17).

Esse processo de “virtualização”, por sua vez, “não se contenta em acelerar as transformações conhecidas, nem em colocar entre parênteses, e até mesmo aniquilar, o tempo ou o espaço”; mais do que isso ela “inventa, no gasto e no risco, velocidades qualitativamente novas, espaços-tempos mutantes”. Expõe Lévy:

Cada novo agenciamento, cada “máquina” tecnossocial acrescenta um espaço-tempo, uma cartografia especial, uma música singular a uma espécie de trama elástica e complicada em que as extensões se recobrem se deformam e se conectam, em que as durações se opõem, interferem e se respondem. A multiplicação contemporânea dos espaços faz de nós nômades de um novo estilo: em vez de seguir-mos linhas de errância e de migração dentro de uma extensão dada, saltamos de uma rede a outra, de um sistema de proximidade ao seguinte. Os espaços se metamorfoseiam e se bifurcam a nossos pés, forçando-nos à heterogênesse (ibidem, p. 24).



Com resultado desse processo de virtualização social tivemos uma transição em todos os aspectos da vida humana, do linear e contínuo para o navegável e interativo. O principal instrumento, utilizado com este fim foi a internet.

A internet, ou a rede mundial de computadores, criou as condições necessárias para a difusão do saber, e atualmente encontra-se inserida na vida cotidiana das pessoas, construindo assim novos espaços, tais como o *Ciberespaço*, que propõe a articulação de dois espaços qualitativamente diferentes, o do território e o da inteligência coletiva. Com a virtualização criou-se uma nova categoria de mediação entre o homem e o conhecimento, entre o cidadão e o saber. Este território passou a ser chamado de Ciberespaço.

Segundo UNESCO Apud. Garcia (2008):

O ciberespaço é um novo ambiente humano e tecnológico de expressão, informação e transações econômicas. Consiste em pessoas de todos os países, de todas as culturas e linguagens, de todas as idades e profissões fornecendo e requisitando informações; uma rede mundial de computadores interconectada pela infraestrutura de telecomunicações que permite à informação em trânsito ser processada e transmitida digitalmente.

Considerando-se, que o ciberespaço, é um espaço de troca, e em função disto, se faz um espaço possuidor de características e qualidades diferenciadas, ou seja, não é fixo, é explorável e disposto pelos participantes, em que cada um é, ao mesmo tempo, emissor e receptor. O encontro dos mesmos é marcado por interesses comuns, mesmo que pertençam a comunidades diversas, cada uma, com seu contexto cultural próprio. *Assim, a cada ano que passa, os instrumentos de construção cooperativa utilizados no ciberespaço vão se aperfeiçoando, implicando a abrangência de um contexto cada vez mais complexo e comum entre grupos, independentemente da localização geográfica e do número de participantes.* (SLOCZINSKI & SANTAROSA, 2003, p. 08).

Com o processo de virtualização do mundo foram adicionadas novas ideias, mentalidades e expressões visuais e linguísticas, tais como a exclusão digital (pessoas que não tem ou podem ter acesso às tecnologias digitais) ou a inclusão digital, que prevê a acessibilidade e usufruto de todo cidadão ao conhecimento, por meio do computador e da Internet. Sobre a nova relação entre o sujeito, sua comunidade e a realidade expõe Lévy (1999, p. 30):



Na era do conhecimento, deixar de reconhecer o outro em sua inteligência é recusar-lhe sua verdadeira identidade social, é alimentar seu ressentimento e sua hostilidade, sua humilhação, a frustração de onde surge a violência. Em contrapartida, quando valorizamos o outro de acordo com o leque variado de seus saberes, permitimos que se identifique de um modo novo e positivo, contribuimos para mobilizá-lo, para desenvolver nele sentimentos de reconhecimento que facilitarão, conseqüentemente, a implicação subjetiva de outras pessoas em projetos coletivos.

Esse novo modo de construção do saber, também pode ser representado pelas Comunidades Virtuais de Aprendizagem, que são *“uma espécie de rede eletrônica de comunicação interativa autodefendida, organizada em torno de um interesse ou finalidade compartilhado, embora algumas vezes a própria comunicação se transforme no objetivo”* (TAKAHASHI, 2000).

Segundo Lévy, (1999, p.26) *as comunidades virtuais surgiram no final dos anos 80, quando jovens começaram a acessar as tecnologias de comunicação disponíveis, constituindo um espaço de encontro, de compartilhamento e de invenção coletiva.* Assim temos posto que o desenvolvimento tecnológico forneceu um suporte apropriado para a comunicação, favorecendo a desnacionalização e desestatização da informação, propiciando a difusão de informações e conhecimentos em larga escala.

Assim, essa sociedade virtualizada apresenta novas realidades, transformando radicalmente a educação que é a transmissão do legado cultural humano, em algo que construa pontes entre os sujeitos. Para tanto é necessário que as pessoas envolvidas nesse processo de construção do saber, reflitam sobre si e a práxis docente, visando propor novos rumos, indo ao encontro, não só das exigências do mercado de trabalho para atender a demanda econômica, na qual estão inseridos os sujeitos sociais. Mas sim, promover o desenvolvimento de cidadão críticos, autônomos, criativos, que solucionem problemas em contextos imprevistos, que questionem e transformem sua própria sociedade.

II. Conceituando Educação a Distância (EAD) e sua aplicação no Brasil



Atualmente em função do crescimento dessa modalidade educacional existem inúmeras conceituações para o termo Educação a Distância (EAD), em nosso trabalho seguiremos a conceituação da Associação Brasileira de Educação a Distância, ABED, (2011) A qual define EAD, isto é, a *Educação a Distância como uma modalidade de educação em que as atividades de ensino–aprendizagem são desenvolvidas, em sua maioria, “sem que alunos e professores estejam presentes no mesmo lugar à mesma hora”*. Para Maia & Mattar (2007, p. 06): “*A EAD é uma modalidade de educação em que professores e alunos estão separados, planejada por instituições e que utiliza diversas tecnologias de comunicação*”.

Outra definição possível para o termo EAD é oferecida pelo Ministério da Educação do Brasil (MEC), por meio do Decreto-Lei 2.494 de 1998. Aonde compreende a Educação a Distância como uma forma de ensino que possibilita a autoaprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados isoladamente ou combinados, e veiculados pelos diversos meios de comunicação.

Um caráter é comum às concepções expostas é o fato da aprendizagem se constituir por meio de recursos midiáticos, enquanto suportes do processo de ensino-aprendizagem, para sujeitos separados fisicamente. Se utilizarmos as acepções temos posto que a EAD caracteriza-se a pela distância, isto é a separação espacial entre professores e alunos. Dessa maneira a EAD é estabelecida quando o professor não está no mesmo espaço geográfico que seus alunos. Essa distância, passa a ser reduzida por meio dos recursos midiáticos, ou melhor, por meio das tecnologias de comunicação (TIC’s) utilizados como suporte para a aprendizagem.

Deve ser ressaltado que esse modo ou forma de educação, mediada por suportes tecnológicos, não se trata de algo inovador, pois a mesma pratica educacional já era realizada com sucesso, em inúmeros países desde o século XIX. Citando-se como exemplos os estadunidenses: Instituto Internacional por Correspondência e a Sociedade de Apoio ao Ensino em Casa, fundada por Anna Ticknor, em 1873 (MAIA & MATTAR, 2007, p. 21).



Para compreensão da EAD, devemos compreender a evolução histórica da modalidade de ensino ou educação a distância. Nesse sentido cabe pontuar que a primeira modalidade de ensino foi constituída inicialmente, pelo material impresso, enquanto meio tecnológico ou suporte da proposta pedagógica, do ensino por correspondência, dos cursos por apostilas e guias, enviados pelas vias postais, ou seja, pelos correios. A segunda geração, com a evolução tecnológica dos suportes de aprendizagem e comunicação, foi a de materiais audiovisuais, do rádio, da televisão, do vídeo, do telefone e das Universidades Abertas, existentes em diversos países. E, pôr fim, a materiais digitais, da internet, da multimídia e do e-learning, (MAIA & MATTAR, 2007, pp. 21 – 23), as quais caracterizam a educação a distância online. Atualmente a EAD é oferecida em diversos países e instituições de ensino, como integrantes disciplinares ou até mesmo cursos de graduação e pós-graduação completos.

No Brasil, a EAD, passou pelas três fases ou gerações citadas acima, destacando-se inicialmente as Escolas Internacionais de Cursos por Correspondências - 1904, a Rádio Escola - 1923, Rádio Monitor - 1939, o Instituto Universal Brasileiro (IUB) - 1941 e o Telecurso - 1977, nesses últimos veremos o emprego de mídias impressas e audiovisuais. E, posteriormente teremos os cursos de graduação e pós-graduação ofertados em caráter online, pelas instituições de ensino brasileiras, isto é, Universidades Privadas e Públicas (MAIA & MATTAR, 2007, pp. 25 – 27).

Desde 1994 e até 2008, o Brasil registra a consolidação de cinco modelos que se estabeleceram como referência na EAD. No ensino superior privado, o mercado foi dominado por um modelo de tele-educação, com a transmissão de aulas ao vivo e via satélite para todo o país e, por um segundo modelo de vídeo-educação, com a reprodução de aulas pré-gravadas em tele-salas (MAIA & MATTAR, 2007, p. 32).

No ensino superior público, as Universidades Públicas, as Universidades Católicas optaram por um modelo de universidade virtual, com uma EAD caracterizada pelo uso intensivo de tecnologias digitais para a entrega de conteúdos e de atividades para os alunos e para promover a interação destes com professores, colegas, suporte técnico e administrativo. O caminho trilhado



pela EAD, no Brasil, se mostra promissor em que se refere ao acesso das camadas populares aos Ensinos Técnico e Superior, confirmando-se essa informação pela quantidade de alunos matriculados, 2.279.070, em cursos na modalidade EAD, no ano de 2006 (MAIA & MATTAR, 2007, p. 33). Em 2007, mais de 2,5 milhões de brasileiros estudaram em cursos com metodologias à distância no ano de 2007, segundo levantamento feito pelo Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância (ABRAEAD, 2008.), em sua edição 2008, além de possuímos 158 instituições de ensino superior cadastradas para ministrar cursos de graduação e pós-graduação, nesse mesmo ano (LITTO & FORMIGA, 2009, p. 12).

Assim temos posto que a Educação a Distância, permeada ou suportada pela internet se alicerça como uma modalidade de educação extremamente adequada às novas demandas educacionais que caracterizam a sociedade brasileira. Pois o aluno, de posse do material didático (impresso ou em meios digitais) pode tomar conhecimento dos conteúdos das aulas, fazer os exercícios propostos e, em alguns casos, participar de atividades pela internet como chats ou fóruns de discussão, nos respectivos ambientes virtuais de aprendizagem (AVA).

É de extrema importância citarmos o grande avanço no sentido da inclusão digital e educacional, propiciado pela EAD, a qual tornou acessível às pessoas residentes em áreas isoladas ou àqueles que não tinham condições de cursar o ensino regular no período apropriado, condições para uma formação educacional qualitativa.

Esse contexto atual, traz a necessidade das empresas e das universidades, buscarem um modo de como fazer o melhor uso da EAD, no que se refere ao custo de produção do conhecimento, ou qualificação e da redução da distância entre os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Essa é a grande questão a ser resolvida: a problemática de conquistar-se o equilíbrio entre alcance e volume. Isto é, chegar ao maior número possível de alunos sem perder a qualidade no ensino e aprendizagem, assim como a construção de projetos pedagógicos que propiciem esse equilíbrio.

Condição essa crie meios de romper com a educação tradicional, a fim de construir caminhos seguros, que atendam de modo satisfatório a realidade educacional brasileira.

III. Conceituando Aprendizagem Cooperativa.

Existem diferentes maneiras para conceituar Aprendizagem Cooperativa, alguns autores a entendem como estratégia de ensino-aprendizagem; ARAÚJO & QUEIROZ, (2004); Já CAMPOS, (2003), a concebe como uma proposta pedagógica nas quais os estudantes ajudam-se no processo de aprendizagem, atuando como parceiros entre si e com o professor, com o objetivo de adquirir conhecimento sobre um dado objeto.

Assim fica evidente, que os referidos autores colocam, cada um de sua forma, suas concepções sobre a aprendizagem cooperativa. Porém todos concordam no ponto que a mesma se desenvolve por meio da construção em conjunto e com a ajuda entre os membros do grupo que se busca atingir algo ou adquirir novos conhecimentos.

E, com o intuito de evitarem-se confusões, neste trabalho, utilizaremos apenas o termo cooperação, em detrimento ao de colaboração, com referência ao conceito “co-operação” que se origina da teoria de Jean Piaget (LA TAILLE, 1992). A qual expõe que cooperação representa as trocas sociais entre indivíduos, com um objetivo compartilhado, que pressupõe um acordo inicial suportado por uma base conceitual comum (*commom ground*). Sendo condição inerente a este processo as interações, baseadas no respeito mútuo, por meio da reciprocidade das trocas sociais e a livre expressão.

Aprendizagem Cooperativa vem da concepção de que cooperar é atuar junto, de forma coordenada, no trabalho ou nas relações sociais para atingir metas comuns aos interessados. As pessoas devem cooperar pelo prazer de repartir atividades ou para obtenção de benefícios mútuos. (CAMPOS, 2003, p. 12.)



Podemos conceituar esse modo de aprendizagem, por ser uma técnica ou proposta pedagógica na qual os estudantes ajudam-se no processo de aprendizagem, atuando como parceiros entre si e com o professor, com o objetivo de adquirir conhecimento sobre um dado objeto de estudo.

Nesse processo é fundamental a cooperação enquanto apoio ao ato de aprender, permeado por ações de caráter ativo e participativo dos agentes envolvidos no processo, isto é, professor e aluno. Devemos considerar que o conhecimento é o construtor social, o que transforma participação nas interações propostas, em possibilidades de desenvolvimento dos grupos sociais envolvidos.

O conceito de aprendizagem cooperativa, já serve como caminho percorrido por pensadores e teóricos desde o século XVIII, enquanto modo de aprender, e trabalhar em grupo.

A aprendizagem cooperativa tem seu potencial aumentado em função da difusão da internet como um agente modificador ou transformador do modo de viver humano. E, conseqüentemente esse meio comunicacional altera o setor educacional. Condição essa que fomentou a educação on-line, criando assim um novo modo de aprender a aprendizagem on-line, que se baseia no uso da internet.

Essa nova concepção de aprendizagem atraiu inúmeros pesquisadores e fomentando assim diversas pesquisas, visando à construção de teorias e sistemas inovadores em relação a um processo qualitativo e quantitativo nessa corrente de aprendizagem.

A abordagem cooperativa da aprendizagem propicia aos sujeitos envolvidos, uma construção coletiva a partir do individual que não é individualista, mas sim, integrante de um grupo, com os mesmos interesses em relação à construção de um saber. Nesse processo de aprendizado é vital a interação entre todos os integrantes do grupo, afim de que haja a troca de experiências e saberes que é a estrutura em que se baseia este tipo de aprendizagem. A fim de que existam condições para construção desse processo coletivo do conhecimento.

A abordagem escolhida em relação à Aprendizagem Cooperativa foi a qual se baseia em Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), que é utilizada na Educação a distância on-line ou e-learning.

Esses Ambientes Virtuais de Aprendizagem (Virtual Learning Environments - VLEs), ou, Sistemas Gerenciadores de Educação a Distância, Softwares de Aprendizagem Colaborativa são denominações utilizadas para softwares desenvolvidos para o gerenciamento da aprendizagem via Web. São sistemas que sintetizam a funcionalidade de software para comunicação mediada por computador (CMC) permitindo assim o processo de aprendizagem online.

A aprendizagem cooperativa na concepção de Fernanda Campos, (CAMPOS, 2003, p. 26.) “*é uma técnica ou proposta pedagógica na qual estudantes ajudam-se no processo de aprendizagem, atuando como parceiros entre si e com o professor, com o objetivo de adquirir conhecimento sobre um dado objeto.*”

Neste prisma, a cooperação busca alavancar a participação ativa e a interatividade tanto dos alunos quanto dos professores, por consequência, facilitando a participação social em ambientes virtuais que propiciem a interação, a colaboração e a avaliação.

Essa forma de construção do conhecimento propicia aos sujeitos envolvidos benefícios, pois eles precisam aprender a interagir com os outros membros do grupo, a exercitar a tomada de decisão e desenvolver habilidades de trabalho em grupo, tornando-se mais confiante em expor publicamente seus pontos de vista.

Deste modo fica evidente que esta característica da aprendizagem cooperativa desenvolve a competência do trabalho em grupo e as relações interpessoais. (CAMPOS, 2003, p. 30.) Ainda segundo essa autora, a abordagem da aprendizagem colaborativa se sustenta em seis pontos fundamentais que são:

- responsabilidade individual pela informação reunida pelo esforço do grupo;
- interdependência positiva, de forma que os estudantes sintam que ninguém terá sucesso, a não ser que todos o tenham;

- melhor forma de entender um dado material, tendo que explicá-lo a outros membros de um grupo;
- desenvolvimento de habilidades interpessoais, que serão necessárias em outras situações na vida do sujeito;
- desenvolvimento da habilidade para analisar a dinâmica de um grupo e trabalhar com problemas – forma comprovada de aumentar as atividades e envolvimento dos estudantes;
- um enfoque interessante e divertido.

Assim podemos afirmar que nesse tipo de aprendizagem é vital a interdependência positiva e a responsabilidade individual na aprendizagem cooperativa. Cabe ao mediador a tarefa de criar ambientes que possibilitem o compartilhamento de materiais elaborados pelos aprendizes. De modo que o conhecimento é gerado, construído ou, co-construído, construído conjuntamente, em função da interatividade entre duas ou mais pessoa que participem ativamente de sua construção. No caso da EAD, essa interação é mediada por suportes físicos Hardwares, isto é o computador, e por softwares de aprendizagem, ou seja, os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), que visam propiciar a interação entre os sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem. Segundo as autoras Debora Maçada e Ana Vilma Tijiboy (1998, p.16):

A interação social em rede de computadores pode ser diferenciada por dois aspectos: quanto à temporalidade e quanto ao direcionamento e número de interlocutores. Quanto à temporalidade têm-se a interação síncrona (A interação ocorre em tempo real, isto é, os interlocutores encontram-se ligados simultaneamente em rede e utilizam recursos que permitem aos envolvidos acompanharem o que o(s) outro(s) deseja(m) comunicar.) e a assíncrona. (Os interlocutores se comunicam sem estabelecerem ligação direta. A interação não é intermediada por recursos que permitem aos interlocutores acompanharem o que o(s) outro(s) deseja(m) comunicar no momento exato em que a comunicação é emitida. Podem ou não os usuários estarem ligados em rede simultaneamente.) Quanto ao direcionamento e número de interlocutores as interações podem ser do tipo: um-para-um - um-para-todos, e todos-para-todos.

É interessante ressaltarmos dentro desta concepção de interação mediada por computadores, e especificamente pelos ambientes virtuais de aprendizagem.

Dessa maneira é visível a aplicação da teoria de aprendizagem de Vygotsky, que concebe a colaboração interagentes, como eixo central do processo educacional, uma vez que fundamenta a



inteligência humana, como originária do meio sociocultural, de forma que qualquer evolução cognitiva individual deve-se, em primeira instância, ao desenvolvimento interpessoal. Ou seja, a colaboração contribui para o desenvolvimento de habilidades e estratégias que são fundamentais na solução de problemas, em um processo cognitivo em que participam a interação e a comunicação. Advindo essa situação de aprendizagem da interação do sujeito com o ambiente social no qual se encontra inserido (LA TAILLE, 1992).

Desse modo, temos posto que a colaboração entre os sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem propicia o desenvolvimento de estratégias e habilidades gerais de solução de problemas pelo processo cognitivo implícito na interação e na comunicação.

Condição essa, decorrente do uso da linguagem, enquanto elemento estruturador do pensamento, e que num ambiente virtual, esse sujeito pode exercitar suas ideias, discuti-las e questionar a de outros, por meio da conversação, em grupo. O processo de aprendizagem nessa concepção pedagógica, passa da perspectiva individual, para a aprendizagem em grupo, deixando para trás, a valorização excessiva do trabalho independente em detrimento ao trabalho colaborativo ou cooperativo.

“Quando os alunos trabalham em conjunto, isto é, colaborativamente, produzem um conhecimento mais profundo e, ao mesmo tempo, deixam de ser independentes para se tornarem interdependentes”. (PALLOF & PRATT, 2002, p. 141). Porém esse processo somente se faz efetivo e possível com a gestão de um sujeito mediador, que possui em seu lócus de atuação as competências necessárias para o auxílio ao grupo no que diz respeito ao desenvolvimento de seu processo de aprendizagem autônomo. De modo que no ambiente de cooperação, os alunos deixam de ser receptores passivos de informações, para serem construtores de conhecimento, com participação ativa, a fim de incentivar novas formas de aprendizagem e interação.

IV. O Papel do Professor - Tutor na Aprendizagem Cooperativa

Após a exposição do conceito de Aprendizagem Cooperativa, iremos refletir sobre o papel do Professor – Tutor³. Inicialmente iremos expor como se pensava na atuação docente pelo prisma tradicional, e como pensamos atualmente no quadro a seguir.

Máximas sobre aprendizagem tradicional	Máximas sobre aprendizagem colaborativa / cooperativa
Sala de aula	Ambiente de aprendizagem
Professor - autoridade	Professor - orientador
Centrada no Professor	Centrada no Aluno
Aluno - "Uma garrafa a encher"	Aluno - "Uma lâmpada a iluminar"
Reativa, passiva	Proativa, investigativa
Ênfase no produto	Ênfase no processo
Aprendizagem em solidão	Aprendizagem em grupo
[Adap.] Disponível em: http://www.minerva.uevora.pt/cscl/ . Acesso 10 ago. 2013.	

Ao analisarmos as informações contidas neste quadro fica visível que as concepções defendidas pela aprendizagem educacional, em caráter tradicional não devem ser aplicadas na Educação a Distância, pois mostram-se obsoletas. Tendo em vista, que as condições impostas anteriormente no que se refere à sociedade e a características dos indivíduos que a compõem, dentre as quais o

³ O autor deste artigo no que se refere a atuação do Professor – Tutor partilha do pensamento defendido por SOEK, A. M.; HARACEMIV, S. M. C. O professor/tutor e as relações de ensino e aprendizagem na educação a distância. In: Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância. São Paulo, v. 7, n. 1, 2008. p 1-11. Disponível em: <<http://www.aedi.ufpa.br/v4/arquivos/20090505112703.PDF>>. Acesso em: 27 abr. 2009.

modo de aprender e relacionar-se com o mundo exterior, se modificaram com o uso corriqueiro das novas tecnologias.

Tanto na educação em sua modalidade presencial como no EAD, temos um novo perfil de aluno, que é, e busca ser um agente ativo no processo de construção do conhecimento. Sendo assim este sujeito não deseja receber ou participar de um processo de aprendizagem nos moldes tradicionais, isto é um saber estático e linear, sem movimento, pois se fundamenta na acepção professor – aluno, em que o docente “derrama sua fonte inesgotável de saber na mente avidas pelos seus conhecimentos dos alunos”. Tal situação de construção da aprendizagem já foi criticada por Paulo Freire, ao afirmar que aprender é um processo que desperta no aprendiz uma curiosidade crescente, que pode torná-lo mais e mais criador. Para tanto, necessita-se de um ambiente adequado que proporcione autonomia, liberdade de criação e interação social (FREIRE, 1996) condição essa que se opõe naturalmente ao modelo tradicional de ensino.

Esse novo aluno busca um saber ou um caminho para este saber, que possua “navegalidade”, isto é, um caminho pessoal e próprio dotado de autonomia no que se refere à construção do conhecimento, e aonde ele possa navegar por possibilidades inovadoras, criativas e criacionistas do processo de aprendizagem.

Esse novo modo de pensar a construção do conhecimento por parte do aluno é oriundo da revolução tecnológica propiciada pela criação e difusão do acesso à internet, a qual permitiu a este sujeito o acesso direto aos objetos de aprendizagem, deixando-os ao seu dispor, criando assim, um novo paradigma, de como selecionar as melhores informações para construção de um conhecimento qualitativo.

Com essa questão exposta enquanto frente de atuação para o trabalho docente, temos que refletir sobre o papel a ser desempenhado pelo Professor - Tutor, em Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) ou seja, esse profissional deve propiciar ao grupo de alunos em processo de construção do conhecimento o uso correto das ferramentas ali contidas visando uma aprendizagem cooperativa.

Segundo MINERVA, (2011) são elementos da aprendizagem cooperativa:

A **interdependência do grupo**: Os alunos, como um grupo, têm um objetivo a prosseguir e devem trabalhar eficazmente em conjunto para alcançá-lo. Primeiro, os alunos são responsáveis pela sua própria aprendizagem. Segundo, por facilitar a aprendizagem de todos os membros do grupo. Terceiro, por facilitar a aprendizagem de alunos de outros grupos. Todos os alunos interagem e todos contribuem para o êxito da atividade.

A **Interação**: Um dos objetivos da aprendizagem colaborativa é o de melhorar a competência dos alunos para trabalhar em equipe. Cada membro do grupo deve assumir integralmente a sua tarefa e disponibilizar de espaço e tempo para a partilhar com o grupo e, por sua vez, receber as suas contribuições.

A **vivência** do grupo deve permitir o desenvolvimento de competências pessoais e, de igual modo, o desenvolvimento de competência de grupo como: participação, coordenação, acompanhamento, avaliação. Periodicamente deve ser realizada uma avaliação da funcionalidade do grupo, a fim de se conhecer o seu processo de desenvolvimento.

O **Pensamento divergente**: Não deve haver nenhum elemento do grupo que se posicione ostensivamente como líder ou como elemento mais "esperto", mas uma tomada de consciência que todos podem pôr em comum as suas perspectivas, competências e base de conhecimentos.

A **Avaliação**: os métodos para a avaliação independente são baseados em jogos de perguntas, exercícios, observações da interação do grupo e heteroavaliação.

Todavia para que esse processo se desenvolva de modo qualitativo, deve haver a atuação de um profissional responsável por essa mediação, e por motivar seus alunos, um sujeito que também faz parte do processo de ensino aprendizagem.

Todos esses elementos são inerentes ao processo de aprendizagem cooperativo, e responsável por seu sucesso no que diz respeito à construção coletiva do conhecimento. Porém este processo só pode tornar-se efetivo com a atuação do Professor – Tutor, o qual no contexto da aprendizagem cooperativa passa a ser um mediador e motivador, isto é um agente facilitador que estrutura um ambiente de construção do conhecimento de modo cooperativo, visando incentivar a interação entre alunos. (IASCE, 2011.)

Ainda segundo MINERVA, (2011) são instrumentos computacionais do processo de construção do conhecimento de modo cooperativo as ferramentas síncronas suportam a interação em simultâneo entre membros do grupo como por exemplo a videoconferência, IRC; sistema de suporte à decisão, etc. As ferramentas assíncronas, como o correio electrónico, os *newsgroups*, as listas de distribuição de correio electrónico, o hipertexto, etc., suportam o trabalho individual ou de pequenos grupos, de modo a contribuir para o processo geral.

Com a atuação motivacional, o Professor – Tutor realiza a ruptura do estereótipo do papel docente que anteriormente tinha uma posição de especialista, conhecedor e proprietário do saber

que fornecia informações, tais como nas aulas expositivas. Seu papel de mediador se une ao de motivador das interações entre seus alunos. Os incentivos dados pelo docente buscam estimular os fatores motivacionais intrínsecos do sujeito de maneira que a participação cooperativa ocorra de forma eficiente (CAMPOS, 2003, p. 30.)

Sua atuação deve ser responsável por gerenciar as condições necessárias ao aprendizado em caráter cooperativo, abrangendo aos diferentes aspectos inerentes a este processo, tais como: a gestão de estratégias comunicacionais numa interatividade entre ele e os alunos, e entre os alunos; e a mobilização dos participantes, a gestão da participação dos alunos por meio do registro das produções, interações e caminhos percorridos, a gestão do apoio e orientação dos formadores aos alunos e a gestão da avaliação. (CAMPOS, 2003, p. 66).

Especificamente na EAD, o Professor – Tutor, precisa estar atento e procurar de modo constante desenvolver as potencialidades desta modalidade, sem tentar repetir as estratégias utilizadas no ensino presencial. A qual não vem na maioria de suas situações de aprendizagem a privilegiar a construção autônoma do conhecimento, e vem destacando-se negativamente por conduzir os alunos a uma aprendizagem mecânica, normalmente pautada em modelos passivos, receptivos, autoritários e competitivos.

Assim, para que haja uma construção do conhecimento em caráter cooperativo é necessário que o Professor - Tutor, leve em consideração uma série de variáveis. Dentre as quais, destacam-se: o número de participantes e a composição do grupo de alunos, características pedagógicas da tarefa proposta, pré-requisitos intelectuais dos indivíduos e o tipo de interação pretendido.

Outro fator extremamente importante, que deve ser levado em conta pelo professor, é o de que não somos formados ou educados para trabalharmos em grupo, mas sim pensarmos individualmente. Essa condição cultural se faz um grande complicador ao potencial elevado das técnicas de aprendizagem cooperativas. Assim cabe, ao professor saber identificar seu público de

modo a adequar seus interesses e suas necessidades ao processo de construção cooperativa do conhecimento.

Com o uso de ferramentas apropriadas ao processo de aprendizagem, tais como fóruns, chats, e-mail, whiteboard, etc. Este profissional pode definir conteúdos instigantes, visando provocar atitudes positivas sobre os conteúdos tratados e sobre o próprio aprendizado do aluno, através de uma comunicação motivadora. Porém se esquecer-se do respeito a autonomia do aluno, dando-lhe liberdade de inferir sobre os conteúdos a ele apresentados.

Independente dos recursos utilizados é imprescindível ao Professor - Tutor, na condição de mediador, do processo de aprendizagem na modalidade de educação à distância, algumas competências, tais como visto em LUZ, RICCIO e SILVA (2005, p.103-104):

a) Competências técnicas: Domínio dos recursos tecnológicos utilizados no curso; Capacidade de socialização dos saberes com os cursistas; Domínio de procedimentos para confecção de relatórios técnicos sobre o desenvolvimento do curso.

b) Competências gerenciais: Autonomia na tomada de decisões; Prontidão na formulação de estratégias para o redimensionamento de problemas; Habilidade de planejamento em curtos e médios prazos;

c) Competências pedagógicas: Domínio e conhecimento dos recursos didáticos disponíveis; Habilidade para estimular a busca de resposta pelo participante; Disposição para continuar aprendendo; Domínio de técnicas motivacionais aplicáveis a EAD; Domínio dos critérios e da perspectiva de avaliação embutidos no curso; Domínio do conteúdo de gestão de sistemas e unidades escolares;

Deve-se também ser citado o fato de que essas são competências fundamentais ao professor - tutor, porém não em si são suficientes para que a aprendizagem se efetive. Pois, o aluno deve aprender de modo autônomo como expressado anteriormente, essa aprendizagem se torna efetiva quando este sujeito sabe situar-se em relação ao tripé da autonomia na aprendizagem: o saber, o saber fazer e o querer. Ao professor – tutor cabe fomentar a aprendizagem autônoma, a qual facilita e engrandece o processo de aprendizagem, pois só aprendemos o que desejamos.

Este profissional da educação é o responsável por fomentar a cooperação, por meio de um ambiente propício para tal interação “interação”. Um grupo envolvido neste contexto, com uma

postura de tolerância, de respeito mútuo, de colaboração e um processo de negociação constante, de maneira a proporcionar aprendizagem de forma cognitiva, afetiva e de ação.

Considerações Finais.

Atualmente vivenciamos em nosso país um processo de transformações socioculturais e econômicas oriundo da inclusão digital de caráter quantitativo, propiciado pela modalidade de Ensino a Distância, ou Educação a Distância (EAD) praticada por instituições públicas e privadas de ensino. Este processo é resultante da ampliação do acesso cada vez maior do número de usuários a internet e conseqüentemente a um maior número de informações.

Assim podemos afirmar que esse tido “processo” de integração da sociedade brasileira com o conhecimento, ou seja, a inclusão de um número maior de brasileiros com acesso ao Ensino a Distância, por meio do acesso à internet e das políticas públicas adotadas pelo governo brasileiro é fruto direto da nova organização mundial do trabalho. A qual preconiza que o indivíduo possua um domínio maior de saberes e técnicas ligados ao setor produtivo. Ou seja, em nossa sociedade o indivíduo deve possuir num tempo e espaço cada vez menor, qualificação profissional. Somando-se a esta exigência econômica, também temos a questão do indivíduo cidadão brasileiro do século XXI, o qual enquanto sujeito deve desenvolver em si novas habilidades cognitivas, em relação à construção autônoma do conhecimento.

Nessa nova postura em relação ao conhecimento, vemos o limiar de novas habilidades cognitivas que atualmente são inerentes ao processo de aprendizagem. O caminho analisado nesse trabalho foi o da Aprendizagem Cooperativa, mediada por Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), a qual pressupõe a cooperação mútua e ativa entre os estudantes e o professor. E, refletimos sobre o papel desse professor neste processo, isto é, o Professor - Tutor.

O Professor - Tutor, é um facilitador, mediador, orientador e motivador dos alunos, rompendo assim com o paradigma tradicional do especialista e detentor do conhecimento. Ele se constitui

um mediador da interação entre os membros do grupo, com o conhecimento, sendo responsável por despertar o interesse nesses membros do grupo pelos saberes. O grande potencial pedagógico da aprendizagem cooperativa resulta de toda uma concepção teórica e metodológica adotada pelo professor, em que seu objetivo deve ser investigar as posturas que devem ser incentivadas ou evitadas por parte dos alunos e quais são melhores ferramentas para o processo de aprendizado.

Assim, ele assume novas posturas, em relação ao processo de ensino – aprendizagem, tais como estruturar o ambiente cooperativo de modo a fomentar a participação e interação entre os alunos, desenvolvendo os saberes e também o aprendizado no que se refere à interação entre os membros do grupo. De modo que todos os sujeitos envolvidos nesse processo possam se desenvolver e por consequente aprender, a aprender, a ser e a conhecer, de um modo colaborativo e principalmente cooperativo.

Um dos instrumentos que facilitam esse processo é o uso das tecnologias da comunicação ou da informação, destacando-se os cenários cooperativos, isto é, os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), que produzem vantagens significativas no processo de aprendizagem dos alunos.

A utilização desses instrumentos produzem bons resultados, porém não se fazem individualmente caminhos de sucesso no processo de aprendizagem, pois temos uma questão impactante vital a este processo que é o fato de que não somos educados ou formados para trabalharmos em grupo. Fazendo com que esta condição seja o maior complicador a utilização das técnicas de aprendizagem cooperativa, e um dos principais pontos a serem abordados pelo docente, enquanto mediador.

Por fim, temos posto que com o avanço das tecnologias da informação, e as consequentes transformações no processo de comunicação, dentre as quais citamos o crescimento das redes de computadores, a qual também propiciou o desenvolvimento da aprendizagem cooperativa apoiada por computadores e suportada nos ambientes virtuais de aprendizagem. Ocorreu a fomentação necessária para o desenvolvimento da aprendizagem cooperativa, aonde as interações

entre os sujeitos envolvidos no processo de ensino – aprendizagem, se manifestam no espaço virtual.

Assim, constroem um sistema complexo de cooperação que possui uma necessidade inerente ao processo de desenvolvimento autônomo de construção do conhecimento que é a mediação. A qual deve ser realizada por um novo tipo de professor, o Tutor, que assume um papel novo frente ao paradigma tradicional de especialista e fonte de saberes, tão evidenciado no ensino presencial, e que perpetua inúmeras desigualdades no processo de ensino – aprendizagem. O provável caminho a ser trilhado pelos estudantes brasileiros de EAD na construção do conhecimento, se optarem pela via cooperativa será combinar pedagogia, tecnologia e prática social discente e docente em caráter criativo.

Referências

ABED - Associação Brasileira de Educação a Distância. **O que é educação a distância?** São Paulo: ABED, 2008. Disponível em <<http://www2.abed.org.br>> Acesso 10 mar. 2014.

ARAÚJO, Hélio da Silva; QUEIROZ, Vera. **Aprendizagem Cooperativa e Colaborativa.** São Paulo/ Brasília, Brasil. Disponível em: <www.studygs.net/portuges/cooplearn.htm> Acesso em 10 mar. 2014.

BRASIL, Ministério da Educação. **Decreto n.º 2.494, de 10 de fevereiro de 1998.** Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/D2494.pdf>>. Acesso 10 mar. 2014

BASSETO, Clemilton Luís. **Redes de Conhecimento:** espaço de competência em informação nas organizações contemporâneas. Bauru, São Paulo: Ide@, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **“A sociedade líquida”.** Entrevista concedida a Maria Lucia Garcia Pallares Burke. Folha de São Paulo. Caderno Mais, 19/10/2003, pp. 5 – 9.



- _____. **A Modernidade Líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- CAMPOS, Fernanda C. A. et al. **Cooperação e aprendizagem on-line.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede.** 14^a. Ed. São Paulo: Paz & Terra, 2010.
- DE AQUINO, Carlos Tasso Eira. **Como aprender:** andragogia e as habilidades de aprendizagem. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- DIAS, Rosilâna Aparecida; LEITE, Lígia Silva. **Educação a Distância - Da Legislação ao Pedagógico.** Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes, 2010.
- FILATRO, Andrea. **Design instrucional contextualizado:** educação e tecnologia. São Paulo: SENAC, 2004.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GARCIA, Flávio Cardinelle Oliveira. **Ciberespaço:** formas de regulamentação. Jus Navigandi, Teresina, ano 13, n. 1907, 20 set. 2008. Disponível em: <<http://jus.com.br/artigos/11747>>. Acesso em: 5 mar. 2014.
- GONZALEZ, Mathias. **Fundamentos da Tutoria em Educação a Distância.** São Paulo: Avercamp, 2005.
- IASCE. International Association for the Study of Cooperation in Education. Current **Newsletter 30 - Number 2 – August 2011.** Disponível em: <http://www.iasce.net/newsletters_menu.shtml> Acesso 10 Ago. 2011.
- LA TAILLE, Yves. Et. al. **Piaget, Vygotsky, Wallon:** teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999.
- _____. **As tecnologias da inteligência:** o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- _____. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.



LITTO, Fredric Michael; FORMIGA, Manuel Marcos Maciel. (Orgs.) **Educação à distância: o estado da arte.** São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

MAIA, Carmem / MATTAR, João. **ABC da EAD: A educação a distância hoje.** São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

MAÇADA, Debora Laurino.; TIJIBOY, Ana Vilma. **Aprendizagem cooperativa em ambientes telemáticos.** IV Congresso - Rede Ibero-americana de Informática na Educação, Brasília 1998.

MINERVA. **Aprendizagem Colaborativa Assistida por Computador.** Disponível em: <http://www.minerva.uevora.pt/cscl/> Acesso 10. Mar. 2014.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: UNESCO/Cortez Editora, 2000.

_____. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

PALLOF, Rena M.; PRATT, Keith. **Estimulando a Aprendizagem Colaborativa.** In: Construindo Comunidades de Aprendizagem no Ciberespaço: estratégias eficientes para salas de aula on-line. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SABBAG, Paulo Yazigi. **Espiraís do Conhecimento: ativando indivíduos, grupos e organizações.** São Paulo: Saraiva, 2007.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade.** São Paulo: Paulus, 2007.

SILVA, Robson Santos da. **Moodle para autores e tutores.** 2ª ed. São Paulo: Novatec, 2011.

SLOCZINSKI, Helena.; SANTAROSA, Lucila Maria Costi. **Aprendizagem coletiva em curso mediado pela web.** VII Congresso Ibero-americano de Informática Educativa. Brasília, 20-23 de outubro de 1998.

SCOTT, John. **50 Grandes sociólogos contemporâneos.** São Paulo: Contexto, 2009.

TAKAHASHI, Tadao (Org.) **Sociedade da informação no Brasil: livro verde.** Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.



WESLEY DA SILVA NUNES

Pós-graduado em Ciência e Tecnologia pela Universidade Federal do ABC - UFABC (2012); Programa de Especialização Docente em Educação Ambiental (2012) e Programa de Especialização Docente em Tecnologias em Ensino a Distância (2012), ambas pela Universidade Cidade de São Paulo UNICID; graduado em História, pela Universidade Metropolitana de Santos - UNIMES (2009). Aluno do Programa de Especialização Docente em Educação e Sociedade, Interdisciplinaridade, Ensino de História e Geografia pela Universidade Cidade de São Paulo UNICID; do curso de Licenciatura em Geografia pela Universidade de Franca - UNIFRAN (2012). Foi Professor - Tutor de História no Ensino a Distância, pela Universidade Metropolitana de Santos UNIMES (2010 - 2014); Estagiário de História na Equipe Interdisciplinar Secretaria de Educação de Santos (2008 2009) e do Centro de Documentação e Memória de São Vicente - CEDOM-SV (2007 2009). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em história cultural, atuando principalmente nos seguintes temas culturalismo e a construção do espaço.

Artigo recebido em 15/04/2014

Aceito para publicação em 12/05/2014

Para citar este trabalho:

NUNES, Wesley da Silva; REFLEXÕES SOBRE O ATUAL PAPEL MEDIADOR O PROFESSOR – TUTOR EM EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NA APRENDIZAGEM COOPERATIVA, Revista Paidéi@, Unimes Virtual, Vol.5, número 9, JAN.2014. Disponível em:<<http://revistapaideia.unimesvirtual.com.br>> Acesso em: __/__/__